



**ae**  
extra  
ordi  
nária

de  
zembro

dezembro  
2015  
ano I

www.  
alagunas  
.com

ISSN  
2447-1003



As edições da **Revista Alagunas** não possuem direitos autorais.  
Podem e devem ser reproduzidas para fins não comerciais no  
todo ou em parte, além de ser liberada sua distribuição,  
preservando a fonte e o nome do autor.

revistaalagunas@gmail.com 

www.alagunas.com 

/revistaalagunas 

@alagunas 

/+alagunasrevista 

**Editor**

Geovanne Otavio Ursulino

**Editores adjuntos**

Jarisson Albuquerque

Mácllen Luan

Paulo César Moreira

**Conselho Editorial**

Alberto Lins Caldas

Carlos Moreira

Patricia Laura Figueiredo

**Curadora da edição**

Patricia Laura Figueiredo

**Autores**

Adriane Garcia

Alberto Bresciani

Alberto Lins Caldas

Carlos Moreira

Chacal

Chistiana Nóvoa

Eduardo Lacerda

Flavio Caamaña

Joana Hime

Guido Cavalcante

Hilda Helena Dias

Laura Nery

Laura Oliva

Marcia Frazão

Marcílio Godoi

Marilda Pedroso

Monica Martins

Neuza Ladeira

Otton Bellucco

Patricia Laura Figueiredo

Patrícia Zamberlan

Patrícia Trifiates

Regina Quaresma

Shala Andirá

Silvana Guimarães

Suzana Rosa

Katyuscia Carvalho

Tavinho Paes

dezembro  
2015  
ano Ide  
ze  
mbros

ae

*Dezembros* é a segunda edição da Alagunas Extraordinária. Publicada a 20 de dezembro de 2015 e encerra o primeiro ano de publicações da Revista Alagunas. Ano com quatro edições ordinárias [#1: *Lagosta*, em janeiro; #2: *Siamês*, em abril; #3: *Olho*, em julho; #4: *Vela*, em outubro] e duas Extraordinárias [*Crônica da Cidade*, por Mácllen Luan, em setembro; e *Dezembros*, esta edição].

*Dezembros* é uma antologia que trás 52 textos, entre poemas e um conto, de 28 autores convidados por Patricia Laura Figueiredo, poetiza, atriz, amiga e integrante do Corpo Editorial desta Revista.

Alagunas é proposta de criação literária. É proposta de enfrentamento do Real - do horror do Real. Não é uma revista de divulgação de autores e textos. Alagunas busca ferramentas de enfrenta-mento. Por isto Alagunas é proposta e não resolução: é potencialidade e não fim: é Caos e não padrão. Está em constante movimento. Está em constante atividade. A proposta da Alagunas visa vibrar na mesma intensidade que o Real. Alagunas busca atingir as nervuras do Real. Alagunas concebe a literatura como ferramenta para alcançar seus fins.

Editorial

<b>Editorial</b>	<b>um</b>	<b>30 e um</b>	<b>dobra-se a dobra</b> Carlos Moreira
<b>nota: charadas no escuro</b> Geovanne Otavio Ursulino	<b>quatro</b>	<b>30 e dois</b>	<b>na minha vida nordestina</b> Patricia Laura Figueredo
<b>A sereia de Guanabara</b> Guido Cavalcante	<b>oito</b>	<b>30 e três</b>	<b>Branca</b> Adriane Garcia
<b>.a sentença.</b> Christiana Nóvoa	<b>treze</b>	<b>30 e quatro</b>	<b>alfa</b> Katyuscia Carvalho
<b>que eu me perca de mim</b> Carlos Moreira	<b>quatorze</b>	<b>30 e cinco</b>	<b>amêndoas do tempo</b> Joana Hime
<b>.Casa.</b> Shala Andirá	<b>dezesesseis</b>	<b>30 e seis</b>	<b>encomenda</b> Marcílio Godoi
<b>O trem</b> Neuza Ladeira	<b>dezoito</b>	<b>30 e oito</b>	<b>sair do país</b> Patricia Laura Figueiredo
<b>Visão do amor desigual</b> Mônica Martins	<b>dezenove</b>	<b>30 e nove</b>	<b>Coleópetros</b> Alberto Bresciani
<b>yekiti bá</b> Shala Andirá	<b>20</b>	<b>40</b>	<b>Deserto</b> Patrícia Zamberlan
<b>A idade da Razão</b> Alberto Bresciani	<b>20 e um</b>	<b>40 e dois</b>	<b>Vinte últimos dias</b> Marcia Frazão
<b>não me inspira a poesia</b> Patricia Laura Figueiredo	<b>20 e dois</b>	<b>40 e três</b>	<b>não há palavra</b> Carlos Moreira
<b>vivemos</b> Alberto Lins Caldas	<b>20 e quatro</b>	<b>40 e quatro</b>	<b>Tecelão</b> Alberto Bresciani
<b>pensamento fora</b> Chacal	<b>20 e seis</b>	<b>40 e seis</b>	<b>Pedra de Sísifo</b> Otton Bellucco
<b>Bola na trave</b> Tavinho Paes	<b>20 e oito</b>	<b>40 e oito</b>	<b>Se não há corpo,</b> Eduardo Lacerda

<b>Elas</b> Otton Bellucco	<b>50</b>
<b>Tictac da perenidade</b> Regina Quaresma	<b>50 e um</b>
<b>Sem mandamento</b> Otton Bellucco	<b>50 e dois</b>
<b>João e a Loucura</b> Hilda Helena Dias	<b>50 e três</b>
<b>.o enigma.</b> Chritiana Nóvoa	<b>50 e quatro</b>
<b>Trovinhas de amor</b> Marilda Pedrosa	<b>50 e cinco</b>
<b>Papoula</b> Neuza Ladeira	<b>50 e seis</b>
<b>Tato</b> Suzana Rosa	<b>50 e oito</b>
<b>Agora esquecemos</b> Neuza Ladeira	<b>50 e nove</b>
<b>Calungas de engenho</b> Katyuscia Carvalho	<b>60</b>
<b>Sem endereçamento</b> Suzana Rosa	<b>60 e dois</b>
<b>.a moringa.</b> Chistiana Nóvoa	<b>60 e três</b>
<b>Yeats 1970</b> Laura Nery	<b>60 e quatro</b>
<b>Valores imensuráveis</b> Regina Quaresma	<b>60 e seis</b>

<b>60 e sete</b>	<b>alegoria</b> Katyuscia Carvalho
<b>60 e oito</b>	<b>Trapézio</b> Silvana Guimarães
<b>70</b>	<b>Zaratustra I</b> Otton Bellucco
<b>70 e um</b>	<b>Os aprendizes</b> Tavinho Paes
<b>70 e dois</b>	<b>extravio</b> Silvana Guimarães
<b>70 e três</b>	<b>Fait Divers</b> Laura Nery
<b>70 e quatro</b>	<b>janelas</b> Joana Hime
<b>70 e seis</b>	<b>uma faca</b> Patrícia Triflates
<b>70 e oito</b>	<b>Há um cessar-fogo</b> Laura Oliva
<b>80</b>	<b>Animais</b> Flavio Caamaño
<b>80 e dois</b>	<b>flamboyant</b> Silvana Guimarães
<b>80 e três</b>	<b>Sobre os autores</b>
<b>80 e nove</b>	<b>Sugestão de leitura</b>

índice



# charadas no ESCURO

Essa é a coisa que tudo devora  
Feras, aves, plantas, flora.  
Aço e ferro são sua comida,  
E a dura pedra por ele moída;  
Aos reis abate, a cidade arruína,  
E a alta montanha faz pequenina.

O Hobbit  
J. R. R. Tolkien

o pobre bilbo ficou atordoado com a charada do astucioso gollum. sabia q se perdesse nas adivinhas, de certo, se tornaria o banquete da noite. a resposta pra charada aparece várias vezes nos poemas desta edição extraordinária da alagunas – “tempo! tempo!” foi tudo o que o recém portador do um anel conseguiu gritar no seu desespero. “tempo! tempo!” – talvez seja o q melhor defina a ae: dezembros.

alagunas se propõe a habitar o seu tempo: um tempo nublado, incerto e desconhecido. esta ainda é a atmosfera q perpassa este início de século. e é impossível estabelecer até quando será assim. por isto o desafio assumido pela alagunas não deixa de ser também o “tempo! tempo!”. alagunas busca escapar da alcunha de “revista de arte/literatura contemporânea”: afinal, qual a nossa contemporaneidade? não q noutros momentos históricos houvesse ocorrido qualquer tipo de homogeneidade: mas não seria nosso tempo o mais heterogêneo, múltiplo, efêmero q já tivemos notícia? no famigerado *manifesto do partido comunista*, marx e engels escrevem quase como poetas [sempre leio com esta forma]:

as relações rígidas e enferrujadas  
com suas representações e concepções tradicionais  
são dissolvidas  
e as mais recentes tornam-se antiquadas  
antes de se consolidarem

tudo o que era sólido  
desmancha no ar  
tudo o que era sagrado  
é profanado  
e as pessoas são finalmente forçadas a encarar  
com serenidade  
sua posição social e suas relações recíprocas

daria a este poema o título *volátil*. onde o solvente universal, em detrimento da água, passaria a ser o mercado/o capital. não seria o nosso tempo estes "versos" levados à máxima potência? não estaríamos vivendo, pela primeira vez, os frutos da absoluta globalização causada pela "vitória" do capitalismo estabelecida nas duas últimas décadas do século passado? este cosmopolitismo imposto ao ocidente [hoje só há o ocidente] somado ao avançando maravilhoso da tecnologia [em destaque às tecnologias de informação] criam em nosso mundo uma celeridade no tempo q escapa a qualquer previsão q marx poderia ter feito desde o século xix.

longe duma aprofundada discussão sobre o tempo mítico, o tempo histórico ou o tempo físico [há um tempo q não o histórico?], dado o propósito desta nota em ser uma breve apresentação dalgumas discussões e propostas da revista, qual/quais a/as noção/noções de tempo q alagunas assume? buscamos perceber o tempo dentro das narrativas. ou seja, a compreensão de q o tempo é sempre interno a cada narrativa contida nas páginas da alagunas. deste modo, respeitamos a multiplicidade temporal das imensuráveis narrativas q compõem o narrar, o escrever, o criar, o pensar, o viver. tudo o q um dia foi sagrado, já há muito foi profanado. isto implica q o tempo mítico escolástico progressivo linear foi, igualmente, profanado. a antiga "linha do tempo" foi torcida, dobrada, partida, destruída, dissolvida no ar e tudo o q resta dela são fantasmas dum mundo q não existe: calendários, relógios, cronômetros, aniversários, os sinos das catedrais, os livros de história. alagunas quer escapar dos sinos das catedrais, dos relógios de pulso, dos calendários da parede. alagunas quer escapar dos fantasmas para ter forças de olhar nos olhos do real.

a linearidade progressiva do tempo foi e é ultrajada por movimentos próximos ao nosso cotidiano – as manifestações pedindo uma "intervenção militar constitucional" [?] no brasil; a eleição, pelo voto direto, do congresso mais conservador desde o golpe de 64; o "estatuto da família" q tenta estabelecer um conceito de família q está situado na idade média; a existência, no congresso nacional, duma "bancada evangélica" [?] q pleiteia contra qualquer progressismo político; "neonazistas latinos" [?] q ameaçam e agridem negros, mulheres, nordestinos, pessoas em situação de rua e todos os q eles classificam como "inferiores". em suma: não, não estamos indo pra "frente".

partindo da grande obra de guy debord, *a sociedade do espetáculo*, podemos concluir q tudo o q se podia ser criado, foi criado. e até a "nova" criação, é criada para o mesmo, pelo mesmo, no mesmo. nas palavras dele: "no espetáculo da imagem da economia reinante, o fim não é nada, o desenvolvimento é tudo. o espetáculo não quer chegar a outra coisa senão a si mesmo". para este absurdo, debord propõe o plagiato como uma solução. ora, se toda a produção segue para o mesmo propósito, recombina e alterar os sentidos "originais" é uma possibilidade real e altamente criativa. todas as imagens estão dissolvidas, passando incrivelmente rápido por nossos olhos. basta estender a mão e recombina. o tempo do espetáculo é um tempo caótico. sem princípio ou fim. sem propósitos ou sentidos, "senão a si mesmo". é sem passado ou sem futuro. sufoca o presente. e cria esta ânsia de vômito e esta obesidade a qual estamos todos submetidos. nietzsche desenvolve, muito antes de debord, o conceito do "eterno retorno". indo direto ao ponto, "existe uma quantidade infinita de estados de energia, mas não de estados diferentes ao infinito: isso suporia uma energia indefinida, a energia que não tem senão um certo 'número' de qualidades possíveis" [fragmentos sobre a energia e a potência]. a interpretação cosmológica do eterno retorno é sempre problemática, apesar do esforço de nietzsche em dar ares "científicos" a ele. mas podemos aplicar o conceito do eterno retorno aqui. nietzsche desenvolve um modelo de universo radicalmente imanente onde tudo se recombina e não permite nada para além de si. a "quantidade infinita de estados de energia" são as eternas recombinações. mas jamais de "estados diferentes ao infinito". como num baralho de cartas: as combinações e recombinações de cartas podem ser feitas infinitamente: mas jamais para além das cartas daquele baralho. deste modo, não estaríamos indo pra "frente", pra "trás" ou pra lugar algum. estamos presos ao devir. q é, por si só, o "fim" de tudo.

alagunas concebe o tempo partindo deste "caos". as possibilidades de recombinação em cada narrativa são as possibilidades de enfrentar o mundo sem negar sua radical multiplicidade. mas ainda estamos jogando charadas no escuro. por isto alagunas é proposta, e não fim. é busca. é tentativa. é luta. nosso [covarde] herói do bolsão não tinha a menor ideia de qual a resposta pra charada de gollum. a pressão da gradativa aproximação do monstro, seus olhos grandes fixados nele, seu fodor cada vez mais próximo fez com q o desespero de bilbo só aumentasse. e, no seu auge, era como q sua língua tivesse grudado na boca. e tudo o q pensou foi em gritar: "me dê mais tempo! me dê mais tempo!". mas tudo o q saiu foi:

tempo! tempo!



guido  
Cavalcante

# A Sereia da Guanabara

Estes acontecimentos ficaram inscritos na paisagem, pois se o mar não rodeasse toda a cidade, nada do que vou contar teria acontecido.

Na mesma hora em que Benjamim montou na bicicleta, onde prendeu um enxadão no cano sob o selim e pedalou pela Avenida Brasil desde Ramos até o rio Irajá, para os lados do Mercado São Sebastião, onde passaria o dia cavando uma valeta no lamaçal, no outro lado do mesmo mar que abraça esta cidade, em Copacabana, um assalto a um hotel da Avenida Atlântica estava começando.

Ainda era bem cedo. O paredão de edifícios diante do oceano mal se tingia da pátina rosada da aurora, que se retraía como se o novo dia não a convidasse para o nascer do sol. O Atlântico também dobrava as vagas preguiçosamente, para desafogá-las com o calmo rumor de uma despedida na areia.

Os madrugadores encetavam lépidos a caminhada diária, no encalço da descarga de endorfina, que em algum momento da marcha brotaria como um manancial delicioso e restaurador. Nestes momentos, céus!... O ar é puríssimo, o mar é impoluto e todos os homens ali caminhando e correndo são bondosos, delicados, amigáveis, generosos, cordiais e francos e não, como se mostram sempre durante todo o resto do dia calculistas, manhosos, astutos, pérfidos, maliciosos, vingativos e briguentos.

Mas que é o matraqueio ríspido vindo do outro lado da avenida? Em seguida, o ruído de vidro estilhaçando arrebatada a paz ao dia. Triste notícia: estamos correndo para salvar a vida. A partir daqui, esta história poderia ser cantada como num samba-enredo:

*Foi numa trágica alvorada  
Quando até o sol se escondeu  
Do alto, o Cristo ferido...  
Levantava os seus braços em vão...*

O assalto aconteceu em um hotel de luxo, onde uma família libanesa foi saqueada do seu pequeno tesouro. A peça mais cobiçada era um esplêndido diadema de ouro branco cravejado de rubis. A primeira parte do assalto correria sem problemas: dois bandidos disfarçados

de empregados entraram na suíte dos hóspedes e não deram chance de reagir. Outro comparsa fazia a segurança na recepção do hotel. Na rua, o quarto elemento aguardava no carro.

Mas na segunda parte, a fuga, um hóspede escapou do hotel e começou a gritar. Uma patrulha da polícia percebeu os assaltantes correndo em direção ao carro estacionado no calçadão. Instantaneamente, um dos bandidos sacou a metralhadora. A rajada atingiu o pobre sujeito e estilhaçou a porta giratória de vidro blindado. Os PMs começaram a atirar. Pulei para a areia e corri em zigue-zague. Minhas pernas se embaralharam, tropecei e rolei dando uma cambalhota.

Foi então que a vi. Ou ela a mim, pois emitiu um som agudo de surpresa. Mostrava o torso nu, onde os cabelos abundantes espalhavam-se cobrindo os seios naturalmente. Era uma mulher que não era mulher, pois num movimento esquivo a lembrar os arranques de uma morsa ou lobo marinho, jogou-se para trás com incrível precisão, mostrando o corpo escamado sobre as ondas que seguiam indiferentes. A cauda bateu vigorosamente duas vezes na água, impulsionando-a com velocidade.

As suas escamas despediam um brilho azulado como lápis-lazúli, que gradualmente chegava até ao rosa na extremidade bifida da cauda. Vi claramente sua forma ondular nas vagas suaves, de maneira que posso jurar que se tratava de uma sereia. Esqueci das balas perdidas e corri para a água, mas quando me aproximei ela já havia desaparecido.

A confusão no calçadão da Atlântica agora corria em outra direção. Os bandidos foram perseguidos até a Princesa Isabel. Bem que tentaram escapar pelo Aterro do Flamengo. Mas nova patrulhinha da PM veio juntar-se a primeira e obrigou-os a recuar em direção da Avenida Pasteur. Sem saída por terra, invadiram o Iate Clube. Dois ainda estavam vivos. Agarrando a sacola do assalto, capturaram uma lancha que estava prestes a zarpar com um grupo de pescadores submarinos. Mas não foram longe. Um helicóptero da polícia apareceu e começou a perseguir a embarcação. Uma saraivada de balas perfurou o tanque de combustível, provocando incêndio seguido de explosão. Os destroços foram varridos para todas as direções. Os bandidos, pulverizados. A sacola foi ao fundo e os dólares, os euros e o diadema de ouro se perderam no oceano.

Dessa parte em diante, os fatos se misturam com a fantasia. Por inimagináveis, não os considero menos reais. Pois tratam da remota possibilidade de que Benjamim desse com uma sereia enredada nas raízes de um manguezal sombrio nos fundos da baía da Guanabara. Como num samba de carnaval, o acaso inspirou este enredo:

*Foi num remanso de águas turvas  
Onde este encontro aconteceu  
Amaram um homem e uma sereia  
Louca paixão que o mundo comoveu...*

Benjamim estivera toda manhã abrindo um rego no lamaçal, por onde o refugo ácido de uma fábrica de baterias escoava diretamente na baía. Aquilo produzia uma ardência terrível, como agulhas penetrando doloridamente na sola dos pés.

*Na água preta da baía  
Que hoje em dia mal respira  
Ferida mortalmente a beleza de outrora  
Que ao navegante deslumbrou.*

Numa das vezes que levou o antebraço aos olhos para secar o suor, Benjamim se assustou com o espadanar de um grande peixe se revolvendo a beira da água.

*Hoje totalmente poluída  
Em perigosa armadilha  
A Guanabara se transformou  
E no lodo venenoso  
Pobre sereia aprisionou...*

Domar a bicha não foi fácil. Mesmo enfraquecida e quase cega pelo lamaçal tóxico que emtupia olhos, narinas, ouvidos e boca, a sereia resistiu ferozmente. Até que uma pancada desferida com o cabo do enxadão encerrou a luta.

Benjamim improvisou uma jangada com garrafas de plástico que boiavam na enseada. E nela levou a sereia desacordada até o barraco onde vivia na maré. Nos dias seguintes foi se estabelecendo uma espécie de relação entre o homem e o anfíbio. Benjamim limpou e tratou da sereia. Deixou-a se recuperar numa banheira velha que encheu de água, onde ingenuamente pôs sal de cozinha como se ali fosse o mar. E alimentou-a com caranguejos, que ela despedaçava com a boca carnívora e mastigava ruidosamente, triturando os bichos ainda meio vivos.

Uma noite quis amá-la. Primeiro à força. Depois ela cedeu e recebeu-o no âmago do seu ventre, por uma fenda que descobriu entre as escamas do púbis. Saciado, Benjamim viu que ela também lhe sorria amorosamente. Em seguida cantou para ele na sua língua ininteligível. Benjamim ligou um rádio de pilhas e deixou a música baixinho. Adormeceram abraçados.

Ainda assim, dava pena vê-la presa na banheira. Sabendo que ali a sereia morreria, o homem se condoeu. Noutra noite, agradado, decidiu soltá-la.

Manhãs depois, Benjamim furtivamente levou a sereia para o mar. Foram num bote velho, que tomou pensando devolver sem que o dono percebesse. À medida que entravam na vasta baía, a sereia readquiria o viço. Porém o barco não resistiu a curta navegação. Perto da ponte Rio-Niterói uma onda encobriu e em seguida desmanchou a embarcação. Sereia e homem afundaram. Ela, livre no seu elemento. Ele, se debatendo para não afogar.

A sereia puxou o rapaz até a beira de uma praia. Em seguida partiu mar afora. Mas o destino não permitiu que a saga terminasse desta maneira. Talvez cedendo ao desígnio sedutor da sua espécie, eis que ela retorna e deixa aos pés do naufrago o mesmo, o mesmíssimo diadema de ouro branco cravejado de rubis roubado no assalto de Copacabana. Parece história de samba-enredo!

Mas a realidade domou o verso. Pois o dono do bote dera parte e a polícia chegou facilmente em Benjamim. Alguém o tinha visto saindo cedinho no bote roubado. Quando deram com ele, estava tentando vender o diadema por qualquer preço. Quis entregar a jóia. Algemaram-no. Jurou que ia repor o bote perdido. Um cassetete calou-o.

Benjamim foi torturado brutalmente. Obrigaram-no a admitir a sua participação no assalto. A confissão raiava ao absurdo. De tanto suplicar, e apesar dos choques e do pau-de-arara, a polícia resolveu levá-lo de barco ao local onde, jurava nos estertores da dor, recebera da sereia o diadema de ouro. Depois não sei mais o que aconteceu com Benjamim.

Diz-se que mesmo algemado lutou até cair no mar e sumir. Já outros afirmam que foi sumariamente executado. E o corpo afundado com uma pedra no pescoço para nunca mais ser encontrado. O diadema desapareceu, mas sobre tal fato muito cuidado, dele o melhor é calar.

.....

Há também quem afirme que no dia do sumiço de Benjamim, um efeito de luzes adornou a enseada de Botafogo. Uma intensa fluorescência na água foi observada em todo o contorno da orla, dando a nítida impressão de um diadema de ouro cingindo esta cidade.

Em 2002 

# .a sentença.

em vão me espanto

o tempo corre

mais que o medo

todo mundo morre

uns cedo

uns nem tanto

é a lei

e eu aqui

no meu canto

só sei

que não morri

por enquanto

que eu me perca de mim é  
bem possível:  
tanta dobra há no tempo tanta  
trilha  
de cruzar o sertão o ser a vida  
mais a morte do eu: a morte-  
ainda

que o mistério de ser em vão  
se flagra  
em mistério nenhum: ser esta  
dobra  
que em si mesma se sabe o  
infinito  
sem saber que o saber é que  
nos mata

que eu não saiba de mim é  
desejável  
(o que sabe a asa do seu  
pássaro  
ou o ser de outro ser não  
sendo ainda?)

não sabemos de nada nesta  
vida  
e por mais que se peça ao  
deus acaso  
logo sombras seremos nesta  
trilha  
\*



# .Casa.

. gerânios nas janelas  
amor  
jacintos vieram antes  
das pedras que anunciam o riozinho  
e o perfume dos pinheiros ao fundo:  
verdade tem o cheiro do suor desta tarde,  
as mesmas  
cicatrizes de água e cal reveladas nos Cavalos  
e gozo de vida que sobeja do orvalho no capim dourado  
a natureza transparente  
da voz que surge  
quando  
duas casas  
vizinhas  
tornam-se,  
o que sem ti seria nada,  
a estrada.  
é na florescência da tarde, minha culminação;  
eu dançar como se ninguém estivesse  
este alvorecer no olho teu que me vê  
ato impresentido  
e o outono das folhas trazendo pra perto  
na respiração do vento, meu bem,  
meu bem querer.  
quem não teme a natureza infinita destas águas tranquilas  
a imprevisão de certezas  
o que move a mansidão da língua  
e aragem sobre o areal  
isto que em meu rosto  
alcança, nossas mãos e pés,  
vidas castanhas no chão.  
seria o amor que apenas dança  
esta andorinha, o sal que fez pousar,  
sem cortinas nas pupilas e em ti move  
o que em mim é para sempre  
teu, meu manto e  
o pão de cada dia, em tua companhia:

shala  
Andirá



Eu estava prisioneira  
Vivia como nos tempos  
Da colônia

Quando ele passava  
Apitava  
Eu via a civilização  
Correr nos vagões

Sonhava  
Que algum dia estaria  
E que os trilhos estendidos  
Levariam-me ao mar

o  
trem

Persegue nela  
Um tal fascínio  
Que lhe traga paz  
Em descompasso

Nas lentes de aumento  
Explora sinais  
Que o tomem  
Ainda informes

Mas vê-se finita  
Na imensidão dele  
Diante de sua extensão  
É tão estreita

Represa-se, na  
Ânsia de ampliar  
Não há mais tempo  
Ele guardou as lentes.

Visão  
do amor  
desigual

# yekiti bóá

Pra volta  
que eu vim ver, nascer  
banhada  
tua casa  
nossa história  
yekiti bá  
meu  
lugar  
teu  
fio  
aqui  
trará  
toda vida  
para ficar  
yukiwari  
para plantar  
do acaso  
onde nasceu  
meu olho  
teu  
yekiti  
bá.

Olhos vidrados  
perdido e com medo  
o velho descabelado  
babando Alzheimer  
corre tropeça  
e cai

no fundo  
do meu peito

# A idade da Razão

alberto  
Bresciani

\*

não me inspira a poesia  
não são os poetas q me inspiram  
nem musa nem deusa  
nenhum poeta preferido  
porque as esqueço todas inclusive as minhas

não gosto de ouvir poesia  
não as escuto não as registro  
a palavra falada voa  
desaparece como um peso um engodo  
não as ouço sobretudo as minhas

tanta escrita quanto ouvida  
nenhuma fica pois já são outras

é a vida pura e seus descamisados  
seus invisíveis o nu e o nu lado a lado  
q me inspiram

é o q treme quando escrevo e esqueço  
é o q treme quando leio esqueço  
a humanidade q encontro e reconheço

numa sylvia numa marina  
numa elza q me fazem sentir viva (em vida)  
num rimbaud quando me reinventa o amor

não me inspira a poesia  
nem falada nem escrita  
só o silencio da escrita  
o silêncio q sei quando leio

da poesia recitada declamada  
entre a voz e a palavra  
imenso o ego impostor

só o q sei q vou esquecer  
me fala  
me faz tremer  
nem suicida  
nem louca  
só abandono e silêncio

só o silêncio  
da poesia me importa  
liberdade livre  
que me gruda na boca  
e me cala

\*

patricia  
laura  
Figueiredo



# alberto lins caldas

- vivemos •
- eu e meu gato lord byron •
- como 2 celibatarios britanicos •

- mesmo sendo essa •
- uma vida mais ou menos e a hora •
- a pior q nos 2 ja vivemos •

- penso em lord byron •
- com seus longos bigodes ruivos •
- com essas adagas nas patas •

- jamais tendo provado carne •
- nem a dos ratos nem a das pulgas •
- porq somos os 2 vegetarianos •

- enquanto as pulgas não entram •
- em casa de quem so come frutas •
- verduras legumes e raizes •

- os ratos nos olham bem de longe •
- como se fossemos 2 monstros •
- 2 coisas q eles não entendem •

- mas nessa hora nada importa •
- nem a vida de lord byron •
- nem a grande sesta de nos 2 •

- toda tarde quando esse mundo •
- vai se apagando roemos o cozido •
- de cenouras com aspargos •

- com sementes de cominho •
- com cebolas repolho brocolis •
- alho poro pimenta e flores secas •

- porisso eu sei q ele não sabe •
- q é um gato assim como não sei •
- o q sou porq isso exige carne •

- não essa carne empacotada •
- mas a carne viva q precisa morrer •
- precisa ser caçada e comida •

- inda quente inda tremendo •
- mas isso pra mim e pra lord byron •
- é absolutamente impossivel •



o tempo existe  
no apodrecimento de uma fruta  
na esclerose múltipla, na pele que cai

o tempo não existe  
quando a vida flui  
no aqui agora

o tempo existe  
quando o ritmo do que flui  
emperra e a vida se turva

o tempo não existe  
na peça que por 3 horas baila bela

o tempo é uma eternidade  
no clip balofo da banda beócia

o tempo não existe no ode triunfal  
o tempo vigora numa pílula marginal

a vida flui no trânsito engarrafado  
se você está ao meu lado

o fluxo estanca se eu morrer de amor  
por um rostinho divergente

a vida existe ou não  
se o que nela age  
é fluxo ou burocracia.

pensamento  
fora de  
hora  
e lugar

Chacal



# Bola na trave

ou  
Destrava,  
Maria

tavinho  
Paes

ela não é um dos meus mais secretos problemas  
nem a solução para os meus mais óbvios dilemas  
mas, lá no fundo do meu coração fatiado e fatigado,  
que quando bate apaixonado faz com que eu gema  
eu queria que ela escrevesse pra mim: um poema!

quem sabe uma cena de cinema num motel imaginário  
onde tudo acontece sem nunca ter acontecido  
num horário fora do que nos é disponível  
numa estrada que nos levasse até o tal ridículo santuário  
onde o extraordinário passou a ser ridículo e ordinário

queria que fosse escrito exatamente onde estamos  
a meio caminho do nada que insolentes nos impomos  
indo para um lugar desagradável onde nunca de fato fomos

tudo, muito antes que a gente chegue onde for  
lá na frente, há uma curva fechada no fim do corredor  
chegando rápido como o vento no parabrisas  
e pedindo atenção ao que se vê no retrovisor

ela meteu o pé no freio e o freio de aço falhou  
na curva, o freio fritou pneus e acelerou o motor  
capotamos virados de cabeças pra baixo  
pelo avesso do que poderia ser só um raro amor

naquele desastre, havia uma novidade na versão antiga  
no baralho da crueldade, a maldição está no coringa  
além da ponta afiada, a agulha dá acesso à seringa

aquela filha da puta que eu amo me pegou na veia  
me fez experimentar a mágoa que só se sente numa cadeia  
como uma aranha guardando suas refeições numa mesma teia

com certeza, mesmo que imprecisa  
ela até oferecia uma solução decisiva  
que só para ela seria uma poesia divertida

"ninguém quer ser alguém que alguém acha que já era  
ninguém quer ser alguém que ninguém nunca foi  
ninguém quer ser de alguém que alguém acha que já era  
ninguém vai ser de alguém de quem ninguém nunca foi"

mesmo que me esnobe e me trate como a um cão  
tenho fé de que ela pode ser uma doce excessão  
a paixão da minha vida  
sem ter por mim nenhuma paixão  
um tesão que me leve aos delírios  
sem sentir por mim qualquer tesão

o nojo que uma incomoda repulsa provocar  
não será bastante para justificar a rejeição  
ela é o desejo que precede um beijo  
a luz que acende a minha solidão  
eu estou no teto e ela é o chão

que haja nas possibilidades desta ilusão  
uma solução para que o sim supere o não  
e todos os problemas em si se dissolverão

com um brinde especial para a ocasião  
pois com ela, vem junto um singular problema  
para o qual a solução só pode ser fatal e extrema  
eu desejo com a força de uma ansiedade efêmera  
que ela, um dia, se avalie e fique mais amena  
e escreva para mim: um poema!

depois disso,  
esquece a curva e segue em frente  
a estrada vai acabar, de repente  
não tem motel nenhum que aceite a gente  
que mesmo caindo num abismo indecente  
estaremos parados no ar, cara a cara, frente a frente

podemos até passar a noite num Bates Motel  
tem um logo ali na esquina, bem ali na frente  
se não pudermos nem sequer tentar  
da tentação, a gente logo se livra e se arrepende

nem tudo que a gente sabe, a gente entende  
tem beijo de língua em que a língua  
para travada nos dentes

mas...,

de repente...

com o poema dela respirando entre a gente  
tudo que tentar nos tornar indiferentes  
vai ficar totalmente diferente...

"destrave a trava que te travou, Maria  
travada, você não consegue me destravar  
travado na trava em que me travou Maria  
só ela destravada pode me destravar"

só ela pode...

ela e o seu poema!

ela ... só ela...

...só ela pode!

# carlos . Moreira

dobra-se a dobra  
dobra-se o ser sobre si  
cobra que se desdobra  
depois de devorar-se

agora abre essa hora  
tira tua sombra daqui  
agora cave-se a cova  
e deixe a obra dormir

\*

\*

na minha vida nordestina  
eterna parisiense  
agora tão severina

vi três carcarás  
voando no alto mais alto  
três carcarás majestosos

eles teem cabeça branca  
e voam generosos  
além dos barcos bêbados  
e dos muros de salém

na minha vida severina  
serei toujours nordestina  
morte e vida que se destina  
aos olhos do meu bem

patricia  
laura  
Figueiredo



# Branca

Louça branca metáfora de seda  
Trincas (do que mais sei é de desencanto)  
Por isso Pégasus, esta piada alada  
Onde subo pra chorar e rir  
De tudo que fica embaixo

Embaixo ficam os demônios todos  
Louça branca metáfora seda  
Lençóis limpos e os carunchos  
Do feijão, a trinca, o encardimento  
Esta coisa chamada velhice

Aprender a conviver com um mundo  
Que exige filtros, que apresenta um  
Café da manhã servido em louça branca  
E a ilusão de uma maciez perene  
Na nossa paz temporária.

adriane  
Garcia

# alfa

árida / de água / ou em chamas chegada  
de longe / desde aquém  
fronteira entre a carne e a noite

que cai e racha

rebenta  
/ de uma trovoada tribo de atabaques /

galopando uma estrela em estado bruto / cantando  
numa constelação de dialetos  
as indumentárias narradas num barco de papel

/ e uma ruflada de uivos entre os cabelos /

katyuscia  
Carvalho

# amêndoas do tempo

a tarde mergulhou  
alta em você  
despencando no meu colo  
suas pestanas choradas  
os dedos das mãos voam  
na costura do pensamento  
mais alto que as palhetas dos ventiladores de teto  
enrolando em caracol seus cabelos  
Isso lembra o seu velho dilúvio lúdico  
que veio naquele postal escrito `a punho -  
e ressoa como os temporais  
cá na beira da estante  
entre um e outro postal dos nossos começos.  
a noite cai  
nas horas do céu  
levando as amêndoas  
de um dia  
lavando os segundos  
de uma nova madrugada  
o toailete de chão verde  
continuará gelado  
a pia redonda não pingará mais chorados  
[ já tratou dos lembrados num gole só ]  
e nosso café de colher com amoras  
deixo pra colher em outra tarde  
onde os ventos respirem breves.  
a ranhura da porta  
não vai mais me acordar.

joana  
Hime



marcílio  
Godoi

tirarei o meu dia de amanhã  
e darei para esse meu eu velhinho  
que costuma falar-me tão baixinho  
que não sei exato o que ele me peça.

mas lhe sigo assertivo com a cabeça  
afirmando ter tudo eu entendido  
passarei o meu dia a seu pedido,  
lhe fazendo favores no passado.

logo cedo, darei voltas no lago  
ofegante lhe colherei amoras  
já caídas ao pé de uma senhora  
a manhã, saberei de imediato.

porei flores à caixa de sapatos  
fazer-lhe-ei visitas aos sete irmãos  
um a um, enquanto estão todos sãos.  
nos lembrando de nossos eus meninos.

depois nessa manhã em desatino  
beberemos em nossa própria luz,  
inocentes, aos pés da santa cruz,  
as histórias contadas pelos pais.

desses mais amorosos comensais  
despedir-nos-emos para uma tarde  
em que o sol seguramente já invade  
e nós dois ao campo de aviação.

se captei-lhe a tal solicitação  
o meu corpo despeja um paraquedas  
flutuando sobre as águas e as pedras  
ao pousar à beira de um certo rio.

que cruzado sem notar pelo frio  
secarei depois no vale gramado  
tendo o sol de nosso amor ao meu lado  
ajudando-me a traduzir os cantos

que alguns pássaros em lindo acalanto  
já se arvoram de novo recolhidos  
dos seus raios que já terão partido  
em laranja num tom descomunal.

e bem longe das letras do jornal  
(eu já velho me entreguei uma agenda)  
me darei alguns bons telefonemas  
aos amigos que inda estão pelaí.

marcaremos a roda no ari  
bar de sempre, mas com alguns recados  
sei que os caras me virão alterado  
com as notícias vindas desde o futuro.

tão confusas, sem ter lastro seguro.  
se pra eles vai ser chope qualquer  
será a hora, pra mim, que o velho quer  
uma coisa no mundo semear.

quando à noite, eu então for me deitar  
sem saber que coisa afinal foi essa  
me dirá o velho, "foi uma peça  
que no fundo é um pensamento teu,

lamentando o que já se perdeu".  
eu, confuso, dar-lhe-ei essa canção  
que por certo nos fale de perdão  
e nos leve o medo do amanhã.

encomenda

\*

sair do país  
como se sai  
de um buraco

músculos flácidos  
dedos inchados  
sair falando baixo

riscar o muro  
com o sangue  
coagulado

pedra por pedra  
empurrar a terra  
de volta pro buraco

cobrir com mato  
o ar esgotado  
sair bem rápido

ofegante e machucado  
livre e desconfortável  
sair envergonhado

\*

patricia  
laura  
Figueiredo

# Coleópteros

Cobertos de pele e sal  
sangue suor

Banais como todos

E faltava razão

para olhares avessos

bocas torcidas

E afinal

caem os dentes os pelos

E vêm as patas

asas antenas cascas

Já não cabemos

no espelho

Agora subimos

pelas paredes

com medo das tardes

que nos amarravam

esmagados de amor

Esse

que nunca tivemos

alberto  
Bresciani

# DESERTO

Trago-lhe

Cacos vazios em ecos de túneis,  
ocos de seda em pele de cactos,  
velhos desertos em tatos poeirentos,  
onde avessos não andam  
mais horas de sete fôlegos.

Onde estão

As róseas espumas em leite,  
os desalinhos, os ninhos, as borboletas de anis,  
as velhas canções, adágios de violões, cavilhas,  
as nuvens em alfa, Sevilha, em cesta de flores.

Se permaneço como

As verdades em soteias fechadas,  
as pupilas de anêmona  
as visões noturnas de velhos passos,  
trespassados de mares,  
os ventos esmagados, ventanias-conchas em êxtase.

Onde escondemos

As tardes de espera, as camas de mormaço,  
os girassóis de abril, o retrato da moldura,  
o corredor de resinas, minas e sinas,  
o tempo repartido em dois amores.

Se nossas paredes nos esmagam,  
se a solidão é velada e nada,

se meus seios são de boneca de trapo,  
se teu corpo é rosto de esfinge,

se tua alma, braços de muralha.



Vinte últimos dias

de balanço, parcial.

Passivos e ativos postos

geométricamente em folhas...

de verão.

Hora de reler os utópicos

Recordar em 78 rotações

Limpar janelas

Abrir portas

Encerar lembranças

Dormir... sem sertralina.

345 dias em DÓr

8280 horas de espanto.

marcia  
Frazão

não há palavra dentro:  
só a palavra dentro  
tenta dizer-se inutilmente  
um pouco além da pele

não há verbo que transcenda  
ou que espere no princípio  
alçar nem que seja sílaba  
fora de seu círculo

de fora a fora: só assim  
a palavra dentro se comprime  
no espaço entre ser e ser  
mesmo que ausente

só assim a palavra-ato  
se conforma e se confirma:  
nem dentro nem palavra:  
só o fora onde tudo é líquido  
\*

A bisavó tramava colchas  
e as desfiava  
para um Ulisses  
que nunca mais viria

Não sei fiar mantas  
tapetes  
mas secreto  
conto pontos no ar

Isso urdia escadas magirus  
para o impossível

No entanto  
o tecido não cessa  
logo é rede  
e pesa ou embosca  
Se bobear  
afoga

Entrelaço os nós  
com cuidado  
linhas de cor  
reflexos de peixes

Às vezes  
espeto o dedo  
Em outras  
acerto o debrum  
a história do dia

# Teceção

alberto  
Bresciani





\*

Agoniza num riso cínico...  
Esse zumbi anda entre nós  
e nos impõe as regras  
políticas das facécias!...  
Esse bobo se machuca  
e nos mói porque não age  
de verdade, só morde  
nervosamente  
o próprio lábio  
desencarnado  
e carrega o corpo  
...só carrega  
...o riso  
e dói...  
...o riso  
e dói...  
feito pedra  
de Sísifo...  
E depois?...  
Idem, ibidem...

Pedra  
de  
Sísifo

Se não há  
corpo,  
não há  
crime

O túmulo (*último refúgio*), está vazio.

Tudo oculto e contínuo,  
que continuem

o enterro.

(Onde estará o corpo  
quando jaz oculto

o luto?)

um momento : *memento mori*

Nada mais,  
além do choro  
a ser decomposto.

eduardo  
Lacerda



بِسْمِ اللَّهِ الرَّحْمَنِ الرَّحِيمِ  
يا أيها النفس الطاهرة اوصي إلى ربك  
الغنية مرضية فارغولي في عبادي والفقير  
الفاخرة  
قبر المرحومة  
بنكان هجر الخير والشر  
عن عمر يا فخره ٢٤ عاماً  
١٩٩٦/٧  
لله العاقبة

# Elas

A mulher que sou  
não quer ser contida...  
Não é esse rio  
saudoso de represa;  
não é a terra firme  
à espera da fronteira;  
não é a vaga triste  
preenchida por macheza...  
Não! Não! Não!...  
Essa mulher em mim  
não é tema de bolero...  
É como onda, onda!...  
Briga com o vento  
e cava a sua vaga  
na rocha da falésia;  
alarga a brecha do veio  
e forma manancial!...  
Essa mulher assusta,  
não cede à vileza,  
mas não quer o medo...  
Quer o empenho  
em que todos cresçam  
com seu crescimento  
entre o mar e o rochedo...

# Tictac da perenidade

- > guarde-me em tempo
- > com tempo
- > por muito tempo

Que deus fica no centro da criação  
a definir as regras da admiração?...

Certamente, não sou eu,  
que não ergo templos,  
não escolho padres,  
nem ratifico cânones...

Monumentos, certames,  
não me estendem a mão,  
mas preconizam a relação  
e promovem a seleção  
dos esquecimentos...

Prefiro me entregar  
à comilança tribal  
na qual cada um tem  
a sua psicogênese  
sem ponto final...

Prefiro celebrar  
a pura gratuidade  
disso que me faz  
saber mais de mim:  
o vazio do poema,  
esse céu que me atrai  
e varia a cada instante!

\*

How many things by season  
season'd are as pure perfection?

\*

Não olho de baixo  
ou dobro o joelho  
p'ra monumentos  
e suas regras d'arte!  
Também não dirijo  
máquina de gênero!  
Na oligarquia das letras,  
como bem sabemos,  
admiração e casuística  
são amigas e inimigas  
sob o véu das críticas  
tecido como malha  
de velhas cruzadas.  
Mas tudo sucumbe friável...  
Então, não regulo talentos  
ou engulo credos vaidosos.  
Sei que o que resta de mim  
será, um dia, sambaqui,  
isso que, usado no estuque,  
não se presume admirável.  
Enfim, digiro sem dirigir  
tudo isso que me atrai  
e avaria com o tempo...

Sem  
monumento

# João e a Loucura

João de vez em quando  
Mergulha na alucinação  
Morre  
Domina a morte ressuscitando  
Dorme para acordar  
Vive depois  
Um espírito dentro dele  
Não separa  
Fantasia e conhecimento  
João não é ficção  
Foi internado em  
Agosto nos Campos do Norte  
Num hospital psiquiátrico  
No ano de 2009

Recusa-se enquanto louco  
Tão louco é João  
Nem tem medo de existir amanhã.

hilda  
helena  
Dias

# o enigma.

ousar querer  
como um deus  
saber calar  
como um buda

o tolo finge  
que estuda  
;  
a esfinge muda

I  
desejo falar de amor  
e do amor me enamorar  
tanto amar neste mundo  
que no amar vou me afogar

II  
fazendo samba de roda  
falando ditos cirandas  
cantando cantar poemas  
sonhando sonhar que estou amando

III  
e... não importa a fenda  
funda que ferindo  
recebeu meu oloroso perfume  
meu espanto meu abismo

IV  
quero te amar amor  
mais do que tudo  
pois amando estás em mim  
e sou o mundo

V  
quero teu amor amado  
teu olhar de namorado  
tua boca tua mão  
teu coração desesperado

VI  
no amor me perdi em sonhos  
em pesadelos lilases  
em mal sonhar acri-negro  
em lençóis camas altares

# Trovinhas de amor

marilda  
Pedroso

# Papoula

Para mundos azuis

Longe da tirania

Do verde-oliva

Conduz-me os opiários

Introspecção de sentidos

Viagem nas paralelas

Da flor

neuza  
Ladeira



# Tato

Remoo um sem tempo  
Enjoo o que mesma  
Refluxo desse sempre  
e de novo e torna  
Refuto um certo nunca brotado a fórceps  
Reluto aos talvezes  
impostos em luto das certezas mortas  
Rumino as magias adiadas  
Lamento os instantes  
surdos  
Pisoteio os desvios dos traços  
Irrompo em anseio de laços  
Laço em nó frouxo  
essa vida no escuro  
De mãos estendidas  
à espera de um tato

Suzana  
ROSA

Agora esquecemos  
O cavalo na baía  
O camelo no deserto  
A onda no mar  
A notícia no papel  
O pobre desnudo  
O chegar das horas.



Calungas  
de engenho

um lábio para cada cor  
agulhas em dança de roda contornando  
olhos de chimbra esmaecente

dois colos por cerzir um sonho a caprichos traiçoeiros  
quatro traquinas tranças  
rococós  
todas do tom dos cabelos do milho sob a lamparina, essa carne acesa  
intercalam pássaros e banzos a um vestido roto

no clã das bonecas de pano, um brinco brinca de ser sol no escuro  
obsoleto e triste  
qual canavial que canções africanas esqueceram

aluvião de frestas nas telhas que pedem remendo  
ante a revoada de ciscos tardios  
nenhuma chuva na cacimba

atrás da porta um trovão rouco, como sílaba sem vogal, espreitando o susto  
de se ser  
pobre e menina,  
nordestinamente

tardes velhas, amareladas, metáfora de fotos de bisavós em sépia

e eu aqui, com meu cauim, meus botões estéticos  
e um livro  
amarrotado de legados  
por alinhavar

Suzana  
ROSA

... e os amanhãs quedam  
Sem rosto  
Sem nome  
Sem corpo  
o olhar vazando  
o deslocamento dos dias  
sabido de seu desencontro  
esgotado em seu brilho  
sem endereçamento

Sem  
endereçamento

a luz amanhece pouca

branca

e longínqua

um fio de sol

lambe o mofo

estanca em cheio

em meio à nódoa do estofo

feito estaca

a dor finca a faca

a dormência

míngua a mágoa

a ausência

é uma casca oca

que um dia trinca

a chuva apazigua a língua

da falta d'água

.a  
moringa.

laura  
Nery

Yeats  
1970

ele era bom com as palavras  
depois virou destruidor de móveis  
recitava muito bem

quando virava as costas,  
sempre havia alguém chorando

era um sorriso sem gato  
fumando Minister  
do outro lado do espelho

sim, à sua maneira  
ele era bom  
em atravessar portas fechadas às pressas  
com os pés os punhos os gritos e  
Yeats.



# Valores, imensuráveis

- > Quanto vale um poeta? Que jamais
- > renegou seu dom. E claudica rumo ao
- > lápis que lhe dê algum sentido? Quanto
- > vele esse indivíduo? Ossos crocantes não
- > deixam a vida fluir, embotam, coagulam
- > e secam pedindo morte.
- > Quanto vale um poeta?
- > Letal e teimoso, amoroso e lírico
- > \_ VISIONÁRIO \_
- > que escreve obviedades bobas entre
- > verdades e saberes profundos e duros a
- > revelar em seu tempo?
- > O poeta não tem preço, nem valor apurado,
- > não está no mercado, vive em outra sintonia.
- > Precisa de paciência e abrigo.
- > Pobre poeta...
- > não se importa com o valor exato das
- > coisas e não as confunde com pessoas.
- > Ah, pobres dos homens, tolos, que
- > acham poder se salvar.

# alegoria

em açoites  
arrancados  
da colheita do corpo  
filhos de mateus e catirinas

desfiam

uma dança em iorubá  
na noite ocre  
dos tambores  
de crioula

silenciosos

katyuscia  
Carvalho

# silvana Guimarães

a manhã nasce num gesto escuro  
quando a espera se revela  
inútil como um útero  
que não sangra

o corpo incauto põe-se  
de tocaia: aguarda outra deixa  
para se jogar  
e ignora o calafrio

esse arrepio entre o umbigo e os seios  
essa dor terebrante no monte de vênus

anunciam

todo amor dilacera

# trapézio



mudo se tanto mudo  
um mundo sem deus  
assim o quero  
livre desse bem  
tão tão cruel  
a postergar a vida  
isso cheio de si  
vazio de déu em déu

não quero a onda  
que pouco dura  
a vaga que espuma  
num estrondo  
espalha areia  
mas deixa tudo  
no mesmo lugar  
mudo se tanto mudo

quero o incômodo  
dela que não se entrega  
dela que resiste  
dela que trafega  
sem raiz livre livre  
senhora em si  
céu de si  
cheio de déu em déu

# Zaratustra I

eu aprendo com você  
algo diferente do que você  
pode aprender comigo

você pode tirar vantagem  
aprendendo novidades  
com tudo que eu tenho de mais antigo

a minha vantagem nessa troca  
é que a novidade que você me ensina  
e algo que eu já devia ter aprendido

Os  
aprendizes

o amor chegou às 15h19m  
veio com o vento

abriu portas e torneiras  
deixou jorrar o impreciso

farpas esperma crisálidas o fogo

eu vestia-me de anjo  
para coroar nossa senhora

quando o amor chegou  
em carne viva avalanche

retalhou minha inocência  
e me cortou as asas

singelo como um pé de chuchu

esculpiu-me, o amor, na tirania da solidão  
ensinou-me o significado da palavra dédalo

silvana  
Guimarães

extravio

# Fait Divers

o crime: a demora,  
mesmo sendo estátuas  
o motivo: elas tinham essa ambição  
eram pedra  
seus corações, só isso  
a arma: o limo  
essa escultura extraordinária  
do tempo de estátua  
o lugar: sob o arco de um céu gelado  
estava lindo, sabe?  
e até elas imaginaram um desejo.

# janelas

a cama dorme no hall  
onde não há janelas nem atravessares  
uma montanha de ecoados  
permite ouvir o coração:  
o rufo de um lado  
compensa a parede de cimento do outro.  
Este outro, um calculado incólume lugar  
dos razoáveis  
resiste a lembrança do último beijo puído  
pelo lado o corpo se infiltra nos tijolos  
[ como rizomas que gargalham sem dó]  
o caule é empurrado como se descolado  
da placenta agarrada no ventre  
[só na entrada do vão se abre a morte] só  
na morte o corpo abre aquela janela.  
a mesma que não avistava por entre os  
corredores.

pelo lado o  
corpo se  
infiltra nos  
tijolos  
[ como  
rizomas que  
gargalham  
sem dó]  
o caule é  
empurrado  
como se  
descolado  
da placenta  
agarrada no  
ventre  
[só na entrada  
do vão se abre  
a morte] só  
na morte o  
corpo abre  
aquela janela.  
a mesma que não avistava por entre os  
corredores.





\*

uma faca  
uma corda  
uma sacada  
uma ponte

um homem  
um abismo  
uma morada

um impulso  
na faca  
na corda  
na sacada  
na ponte  
na hora

um grito  
na alma  
não acaba

ainda não  
é hora

\*

patrícia  
Triflates

Há um cessar-fogo  
no meu coração

uma trégua essencial

e em silêncio bebo água

O eco das perguntas todas  
ainda vibra

Vi tudo de perto e além  
Há uma dor violenta que rasga  
o meu corpo por dentro e  
congela  
o ar  
e anula qualquer instinto  
de sobrevivência

Há uma solidão  
sem-nome sem- Deus  
que ninguém explica

laura  
Oliva



# Animais

existem animais madrugando e comendo pão insone  
com margarina atolando no café  
animais esperando o trem  
atravessando estações passarelas  
aguardando o sinal verde  
assinando o cartão de ponto e respirando sem trégua  
rindo e evacuando quando o sinal fica amarelo  
farejando o arroz o feijão a bisteca o macarrão  
tudo farinado na marmita

animais elegantes tropeçando em tapetes amarrados  
por mãos centenárias e esmaecidas  
num sépia que não mais existe  
uma paixão que não mais existe  
um brilho já pago e esquecido  
quem desejava um colorido e agora encardido  
animais cantarolando a ópera  
perfumando a boca na menta

animais sentados nas praças nos auditórios  
e palestrando confidências aberrações teorias  
sobre guerras pacificando  
animais sonhando faturando empobrecendo  
rosnando

desconhecendo o dono a fadiga a voz eletrônica avisa  
é hora da medicação de estancar o corte na garganta  
a pressão sem controle adivinha  
o trombo no pulmão

flavio  
Caamaño



# flamboyant

de novo enflorece como há longos anos:  
nódoa cor de sangue desafia o azul sem nuvens

um naco de delírio ronda a paisagem  
instala o passado na varanda e declara

é tempo de paixão

folhas flores um rumor um desvario:  
a voz que sussurrava  
entre gemidos e safadezas  
"meu doce"

silvana  
Guimarães

silvana  
Guimarães

Socióloga, escritora, redatora/revisora publicitária. Participou de algumas coletâneas, entre elas, duas que organizou: *29 de abril: o verso da violência* (Patuá, 2015), *Dedo de Moça — Uma Antologia das Escritoras Suicidas* (Terracota, 2009) e *Hiperconexões — Realidade Expandida Vol. 2* (Org. Luiz Bras, Patuá, 2014). Editora da *Germina — Revista de Literatura & Arte* e do site *Escritoras Suicidas*. Vive em Belo Horizonte. E-mail: sil.guimaraes@gmail.com

carlos  
Moreira

escreveu os livros *Tetralogia do Nada*, *Duas Palavras*, *Cardume* e *Corpo Aberto*. nasceu em 1974.

nasceu no Rio de Janeiro. Vive em Brasília. Publicou *Incompleto movimento* (José Olympio Editora, 2011) e *Sem passagem para Barcelona* (José Olympio Editora, 2015). Integra antologias e tem prosa e poesia em *sites, blogs* e portais da internet e em jornais e revistas literárias.

alberto  
Bresciani

nascida a 29 jul 1969. Formação em psicologia (pela Universidade de São Paulo). Bancária de profissão. Autora do livro de poesias: *Ante Assombros*, publicado em 2015 pela Editora Patuá

Suzana  
Rosa

flavio  
Caamaña

nasceu em Tamboril, Ceará, residente atualmente em Fortaleza onde trabalha como servidor público. Primeiro Lugar no XVI Prêmio Estadual Ideal De Literatura, Menção Honrosa no IV Prêmio Nacional Juvenil Galeno. Participou da coletânea *Unifor 2011*. Autor do livro de poemas *AQUEDUTOS*.

eduardo  
Lacerda

é poeta, editor, produtor cultural e dono de bar. Editor da Editora Patuá e apaixonado por poesia, livros, amigos e cervejas.

neuza  
Ladeira

é poeta artista plástica. Nasceu em Belo Horizonte - MG. Lutou pelas liberdades democráticas. Foi prisioneira política de 1970 a 1972. Atualmente mora em BH-MG.

sobre os autores

Nasci em Vitória, ES, em 1972. Hoje moro em Campos dos Goytacazes, RJ. Cursei Formação de Professores e atuo do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental na Rede Pública de Ensino. Sou formada em Piano Clássico, Teoria Musical, Canto e Regência. Escrevo poesia, pois o espaço que me define é o inverso de quem sou.

monica  
Martins

regina  
Quaresma

Nasceu em Salvador- BA e cresceu no Rio de Janeiro.

Formou-se advogada, mestre em direito público e professora. Nasceu poeta. Publicou vários livros e artigos na área de Direito Constitucional e Direitos Humanos. Publicou seu primeiro livro de poemas em maio de 2015, o exitoso *Poemas Brancos e Estampados*. Segue poetando.

marcia  
Frazão

escritora, e cozinheira.  
graças a Deus!!!!

laura  
Nery

Mora no Rio de Janeiro, foi jornalista e tem sido professora universitária. Tem duas intenções de livro: Regras dos Seriados de Tevê, de poemas, e Lafaiete, pescador, aos 44 anos, folhetim escrito, em sua maior parte, pelos próprios personagens.

guido  
Cavalcante

Como estou falando de mim, devo dizer que trabalhei longamente como produtor de jornalismo e editor para a televisão alemã (ZDF), cobrindo os principais eventos na sangrenta era das ditaduras militares na América Latina e Central. Atualmente dou aulas de edição de vídeo. Nunca publiquei nada e tenho um pequeno livro online, do qual gosto do posfácio. Tanto quanto lembro, minha aproximação com a literatura se deu através do dicionário – eu estava com 8 anos e todos os dias eu devia copiar uma página e apresentá-la a meu pai: uma palavra e dois sinônimos. O ano foi 1958 e para recompensar meus esforços, ele me deu *A Maravilhosa Viagem de Nils Holgersson* através da Suécia, de Selma Lagerlöf, um livro imenso, sem ilustrações, que qualquer criança hoje não teria forças ou ânimo para encarar. Na época em que o livro foi escrito, 1906, as crianças liam livros sem dificuldade. Creio que o meu escritor favorito é Conrad, mas adoro o *Robinson Crusoe* de Daniel Defoe e mais ainda o impressionante *A Journal of the Plague Year*. Venero os americanos dos anos 20s e 30s - Fitzgerald, Horace McCoy, Steinbeck, Hemingway... Mas, na minha pequena opinião, o maior livro escrito no século XX, foi *Na Colônia Penal*, de Kafka. Gostaria de ter a graça de escrever algo assim, curto, 30 folhas e definitivo.

sobre os autores

Poeta com 119 títulos independentes desde 1976 ...  
letrista musical com mais de 270 registros interpretados  
por Caetano Veloso, Gal Costa, Maria Bethania, Ney  
Matogrosso Marina Lina, Marisa Monte, Skank ... como  
jornalista, foi editor de O Pasquim (1985/86)

tavinho  
Paes

Nasci e vivo no município de Campos dos Goytacazes-  
R.J.-, cursei Formação de Professores e atuo como  
promotora de leitura na Rede Municipal de Ensino.  
Escrevo poesia pois abarco na totalidade do meu eu  
inacabado, tendo uma cidade aos meus pés.

hilda  
helena  
Dias

shala  
Andirá

se sentia poeta antes mesmo de ser alfabetizada, quando frequentou a "escola sem paredes". Hoje, trabalha com educação na escola do Cepe ( Centro de estudos e pesquisas educacionais) onde desenvolve um trabalho na área de educação infantil. Realiza o encontro Poiésis Tinguá em trio com Pedro Lage e Juliana Prado, trazendo à luz biografia e obra de poetas que fizeram história. Faz parte do coletivo de arte performática Organismo diálogos poéticos, participando de movimentos de poesia, como o CEP 20000, Labirinto poético e Corujão da poesia. Lançou seu primeiro livro, *A menina José*, em 2011.

katyuscia  
Carvalho

Nasceu no interior de Pernambuco, com as águas de março de 1977. Licenciou-se em Letras e lecionou intensamente enquanto viveu no Brasil. Emigrou por amor. É apaixonada pelos tambores do Maracatu de Baque Virado, pelas preacas e pífanos dos Caboclinhos, pela dança e som da chuva, pelo mar e por Lisboa. Hoje, em terras helvéticas, estuda idiomas e escreve porque não sabe cantar. Sonha em ter um poema musicado.

patricia  
Zamberlan

Nasceu em São Pedro do Sul (RS) em 03 de outubro de 1952. Mora em Santa Maria, desde 1966. Onde, formou-se em Letras com Pós Graduação pelo Centro Universitário Franciscano -UNIFRA. Foi professora da Rede Pública Estadual e de Escolas Particulares, onde ocupou cargos de professora e vice-diretora. Dedicou-se à literatura com um livro editado NOSSO SÓ/SÓ NOSSO, na década de 1990. Participou de várias Antologias, publicou poemas em sites de literatura e alguns jornais da região. Foi membro de Associações Culturais. Atualmente, aposentada, dedica-se à literatura, pintura, fotografia - buscando passar as suas vivências como uma eterna aprendiz das Artes.

sobre os autores

patricia  
laura  
Figueiredo

Patricia Laura Figueiredo se construiu no teatro, cresceu na poesia e participou na construção de pequenos seres de três a seis anos durante dez anos praticando o método de maria montessori numa escola montessori em Paris onde mora desde 1990. em 2011 publicou seu primeiro poema "poema autista" no livro do poeta Tavinho Paes a convite deste, depois seu primeiro livro "poemas sem nome" pela editora Ibis libris do Rio de janeiro e participou de varias antologias no brasil na alemanha , assim q em varias revistas digitais de literatura e poesia. em 2015 publicou "No Ritmo das agulhas" pela editora Patua, de Sao Paulo. trabalha atualmente com crianças sempre como transmissora do Metodo Montessori, e traduzindo do frances para o portugues, um dos livros mais belos sobre rilke e do portugues para o frances "vенеza" de alberto lins caldas. . seu terceiro livro "Poemas bebê" devera sair em março pela Dasch editora, de sao Paulo. onde assinara pela primeira vez como Pat Lau.( sua alma vietnamita ou um pato tibetano que se disfarça em alma vietnamita ela nao conseguiu ainda definir.) nao come carne, nao bebe nao fuma ama muito e tudo, e acredita que o melhor ainda esta por vir. basta sermos responsaveis e unidos. dai o desejo de nos unirmos aqui.

Mestre em Crítica Literária pela PUCSP, Arquiteto pela UFMG e Jornalista pela FACASPER, Marcílio Godoi é mineiro de Araguari. É autor de *São Paulo, Cidade Invisível* (Grande Prêmio Cásper Líbero de Jornalismo – Letras & Expressões) *A Pequena Carta* (Ler é Preciso, Suzano - Editora Bom Texto) e de *A Inacreditável História do Diminuto Senhor Minúsculo* (VIII Prêmio Barco a Vapor – Editora SM), entre outros títulos. É professor convidado do GVPEC (Comunicação Corporativa – FGVSP) desde 2008 e articulista da Revista Língua (Editora Segmento) desde 2009. *Estados Úmidos da Matéria* é seu primeiro livro de poesia.

marcílio  
Godoi

carioca, é compositora, produtora e pesquisadora musical e poeta. Graduada em jornalismo e mestra em Letras pela PUC - Rio, atua no mercado musical desde 2001 como produtora artística, pesquisadora e gestora de projetos na área musical e literária. Foi coordenadora artística da gravadora Biscoito Fino durante 12 anos, produzindo projetos como *Projeto Centro Petrobras de Referência da Música Popular Brasileira* - um livro sobre *A Casa Edison e seu tempo* e um acervo discográfico de obras de 1903 a 1930 -, além de artistas como Tom Zé, Gilberto Gil, Chico César, Mônica Salmaso, Paulinho Moska e outros. Em 2007 foi gestora dos selos Biscoito Clássico e Jobim Biscoito. Em 2013, fez a coordenação artística para o *prêmio da música brasileira* em homenagem a Tom Jobim, e no ano seguinte, em 2014, prestou uma homenagem ao centenário de Dorival Caymmi, através do projeto *Boteco*. Atualmente prepara seu livro – cd autoral em parceria com poetas e compositores brasileiros, e também escreve a biografia ficcional sobre a relação dos compositores Francis Hime e Chico Buarque. Em 2015, lançou o livro *De dentro*, um experimento poético vinculado às imagens da artista Branca Escobar.

joana  
Hime

sobre os autores

alberto lins  
caldas

Alberto Lins Caldas publicou os livros de contos "Babel" (Revan, Rio de Janeiro, 2001), "Gorgonas" (CEP, Recife, 2008); o romance "Senhor Krauze" (Revan, Rio de Janeiro, 2009) e os livros de poemas "No Interior da Serpente" (Pindorama, Recife, 1987), "Minos" (Íbis Libris, Rio de Janeiro, 2011), "De Corpo Presente" (Íbis Libris, Rio de Janeiro, 2013), "4x3 - Trólogo in Traduções" (Ibis Libris, Rio de Janeiro, 2014) com Tavinho Paes e João José de Melo Franco) e a "A Perversa Migração das Baleias Azuis" (Ibis Libris, Rio de Janeiro, 2015). Blog: [www.poemasalbertolinscaldas.blogspot.com](http://www.poemasalbertolinscaldas.blogspot.com)

patrícia  
Trifiates

21 anos, beradeira do madeira, natural de Porto Velho-Ro. Estudante de psicologia, amante da natureza, apreciadora das mais diversas artes. Escrever é pulsar.

christiana  
Nóvoa

Christiana Helena Nóvoa Soares Carneiro nasceu no Rio de Janeiro em 1968 e formou-se em Psicologia e Teatro. Já foi dona de loja, professora de artes, atriz, terapeuta, astróloga e redatora. Escreve na internet desde 2005, onde mantém o blog Nóvoa em Folha: <http://novaemfolha.com>. Ganhou em 2007 a Bolsa Para Autores Com Obras Em Fase De Conclusão, da Biblioteca Nacional. Tem poemas publicados no romance "Teoria Geral do Esquecimento", de José Eduardo Agualusa (Vencedor do Prêmio Fernando Namora 2013, Portugal) e em diversas revistas de Literatura e Poesia. Publicou em 2015 o livro de poesia "breviário das pequenas horas", pela Editora Patuá. Contato com a autora: [chistiana.novoa@gmail.com](mailto:chistiana.novoa@gmail.com)

marilda  
Pedroso

1941, São Paulo. 4 livros de poesia publicados. Várias antologias poéticas. Artista Plástica. Formação: filosofia, artes e psicanálise.

sobre os autores

adriane  
Garcia

nascida em Belo Horizonte, em 1973, é historiadora, arte-educadora e atriz. Escreve poemas, contos, infanto-juvenis e dramaturgia. Venceu o Prêmio de Literatura do Paraná - Helena Kolody, em 2013, com o livro de poesia *Fábulas para adulto perder o sono*. Publicou em 2014 o livro *O nome do mundo* pela editora Armazém da Cultura e em 2015 o livro *Só, com peixes* pela editora Confraria do Vento. Participou das antologias *Hiperconexões - Realidade expandida*, organizada por Luiz Bras e 29 de abril, *O verso da violência*, organizada por Silvana Guimarães. Publica no site *Escritoras Suicidas* e é colaboradora na *Mallarmagens*. Tem trabalhos em *Blocos online*, *Vida Secreta*, *Germina*, *Pausa*, *Diversos afins*, *Vox e Cult*.

laura  
Oliva

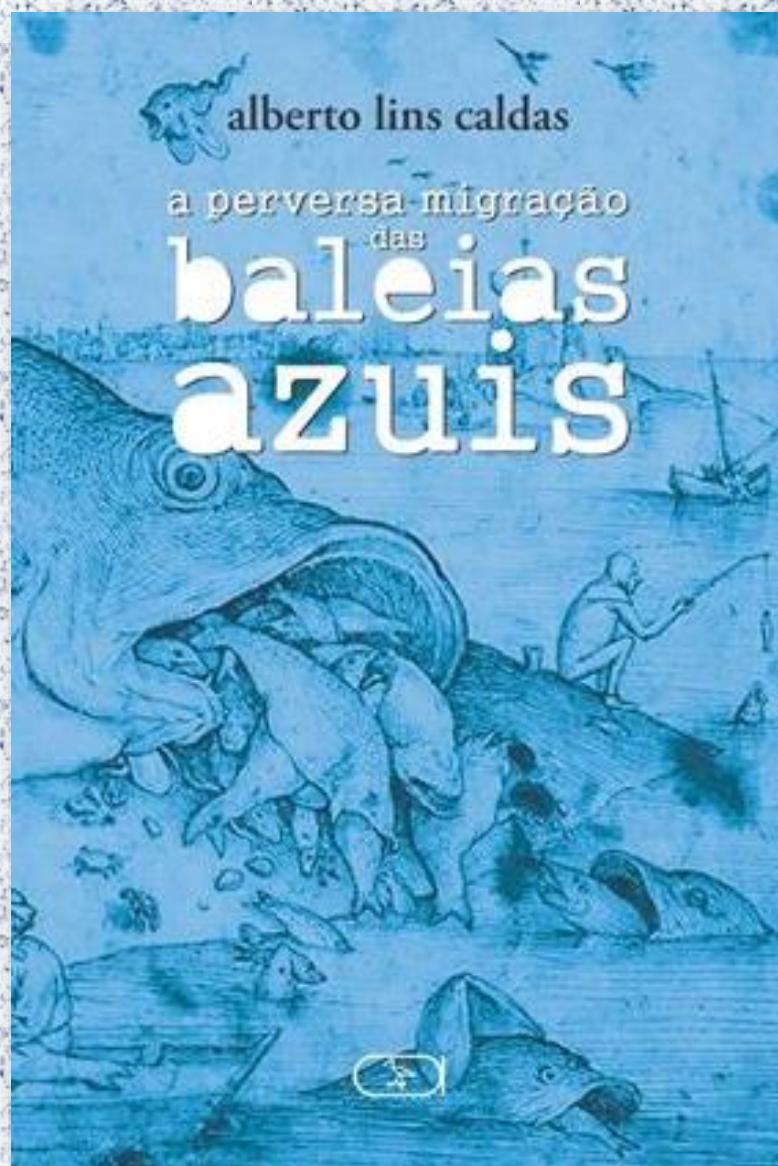
Oliva Alon nasceu no interior de São Paulo em 1966. Formada em Artes Cênicas pela Unicamp (Campinas-SP), estudou Artes Visuais na mesma instituição e Jornalismo na Universidade Católica de Campinas (PUCC). É autora de *Fada Safada* (Fábula Bula) e do livro de poemas *Da Gaveta*, pela coleção *Rascunho*, ambos publicados pela Editora Coruja. Poeta, artista, cenógrafa, criadora de vestuário cênico e atriz, participou de diversas exposições, produções e montagens no Brasil e no exterior. Vive em Israel há vários anos com o marido e três filhos. É a Adida Cultural da Embaixada de Portugal em Telavive.

Chacal

Ricardo de Carvalho Duarte (Chacal) é poeta, escritor, performer e produtor cultural. Formado em Teoria da Informação e Editoração pela Escola de Comunicação (UFRJ) em 1977. Em 41 anos de carreira, participou de oito antologias e teve 14 livros publicados, tendo sido premiado em 2008 pela APCA por *Belvedere* (Cosacnaify e 7 Letras). Foi editor de três revistas e jornais *O Carioca* (Rio 96-98), *Almanaque Biotônico Vitalidade* (Rio 75-76) e *Jornal do MAM* (Rio 1990). Trabalhou como roteirista para TV Globo e para a TV Educativa. Tem parcerias musicais com nomes da MPB e do Rock como Blitz, Lulu Santos, Barão Vermelho, Mimi Lessa, Cabeça, 14 Bis, Fernanda Abreu, Arnaldo Brandão, Jards Macalé, Moraes Moreira e Nanico do Cavaco, entre outros. Como produtor cultural e performer, idealiza, dirige ou se apresenta em diversos eventos no Brasil e em países como Estados Unidos, Argentina, Alemanha, Equador. Ministra oficinas de poesia em diversos estados brasileiros. Em 2004 recebeu o Prêmio URBANIDADE 94 do Instituto de Arquitetos do Brasil, pelo seu trabalho à frente do Centro de Experimentação Poética - CEP 20.000, que dirige desde 1990. Em teatro, trabalhou como autor nas peças *Aquela Coisa Toda*, do grupo Asdrúbal Trouxe o Trombone, *Alguns Anos Luz Além*, do Grupo Lua me dá Colo, *Recordações do Futuro*, do Grupo Manhas & Manias, e *Tontas Coisas*, direção de Jaqueline Lawrence. Atuou em *Café Satie*, direção de Stela Miranda, e no espetáculo *A vida é curta pra ser pequena*, com direção de Cristina Flores, criado a partir de seu livro homônimo de poemas. Em 2012, publica o livro de poemas *Murundum* (Cia das Letras). Em 2013 participa da Feira do Livro de Frankfurt, onde apresenta seu monólogo autobiográfico, *Uma História à Margem*, com direção de Alex Cassal, baseado no livro de memórias do mesmo nome, lançado pela 7 Letras, em 2010. Em abril de 2014, participa da Brazil Week, na Universidade de Harvard, dando oficina, palestra e apresentando também *Uma História à Margem*. Em maio de 2015, estreia como autor e ator, do monólogo *XXV*, sobre os 25 anos do CEP 20.000.

sobre os autores

sugestão  
de  
leitura



***a perversa migração das baleias azuis* é o quinto livro de poemas de Alberto Lins Caldas, conselheiro editorial da Alagunas, pela editora Ibis Libris. Lançado no início deste mês trás em suas orelhas parte do ensaio, do próprio Caldas, *O Poema*, publicado na Alagunas #1: Lagosta. Pode ser adquirido pela loja virtual no site da editora: <http://ibislibris.loja2.com.br/6013551-A-PERVERSA-MIGRACAO-DAS-BALEIAS-AZUIS>**

revista.  
de criação  
literária

ISSN

2447-1003

